

A PEDAGOGIA E O ACOLHIMENTO DAS CRIANÇAS NO LAR ANTONINA

Eixo: Práticas para Contextos Não Escolares

KNAUT, Michelle Souza Julio¹
RIBAS, Cíntia Carginin Cavalheiro²
SILVA, Janice Mendes da³

A cada dia que passa percebe-se que as crianças necessitam de um atendimento individualizado que estimulem sua autonomia, senso crítico, opinião e criatividade. Não perdendo a fé e a esperança de que ao trabalhar com uma criança em processo de formação, o professor, pedagogo ou educador pode ter o poder de transformá-la, fazendo-a acreditar em suas próprias habilidades. Como Freire afirma (2007, p.129) “prefiro ser criticado como idealista e sonhador inveterado por continuar, sem relutar, a apostar no ser humano, a me bater por uma legislação que o defenda contra as arrancadas agressivas e injustas de quem transgride a própria ética”. Diante disso, se faz necessário rever os posicionamentos das pessoas que precisam de um atendimento individualizado e, portanto, a importância de apresentar a proposta subsequente.

1 JUSTIFICATIVA

O fato de existirem crianças que foram retiradas judicialmente da família ou, simplesmente, abandonadas por parte dos pais são situações que entristecem qualquer ser humano. Porém, diante de uma visão mais abrangente, percebe-se a necessidade de incluir na vida dessas crianças pessoas que possam contribuir no processo de desenvolvimento biopsicossocial.

O Pedagogo Social é um desses profissionais que auxilia as crianças na parte pedagógica, realizando sua inserção, também social.

Por estarem morando em um orfanato e sabendo que cada criança tem sua individualidade, cabe ao Pedagogo da instituição articular meios da criança se sentir em casa, mais acolhida e segura.

Libâneo (2010) pontua que:

¹ Mestre em Educação, Especialista em Modalidades de Intervenção no Processo de Aprendizagem, Coordenadora de Estágio do Curso de Pedagogia da Faculdade OPET e professora vinculada da formação continuada da Secretaria Municipal de Educação de Curitiba.

² Doutoranda em Educação. Mestre em Desenvolvimento de Tecnologias, Especialista em EaD, Coordenadora do Curso de Pedagogia da Faculdade OPET e professora da Secretaria Municipal de Educação de Curitiba.

³ Mestre em Educação, Especialista em Modalidades de Intervenção no Processo de Aprendizagem, Coordenadora de Estágio, Coordenadora Pedagógica no Instituto Base de Conteúdos e Tecnologias Educacionais IbacBrasil, Pesquisadora no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica da UFPR.

De fato, vem se acentuando o poder pedagógico de vários agentes educativos formais e não formais. Ocorrem ações pedagógicas não apenas na família, na escola, mas também nos meios de comunicação, nos movimentos sociais e outros grupos humanos organizados, em instituições não-escolares. (LIBÂNEO, 2010, p.27).

Fazer com que a criança se sinta acolhida é fundamental nesse processo. Portanto, o desenvolvimento de brincadeiras que reforcem a autonomia e a construção de espaços mais acolhedores beneficiará e facilitará a transição das crianças, neste espaço, em que morarão, provisoriamente, beneficiando na formação da sua identidade.

Visando o crescimento intelectual físico e psíquico da criança a Lei 8.069, de 13 de Julho de 1980 que dispõe sobre o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) no capítulo II Artigo 17 diz:” o direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços, e objetos pessoais”.

Com base em experiências variadas a criança conhecerá os espaços em que se desenvolve a vida de diferentes grupos que fazem parte do cotidiano: casa; escola; bairro; centro desportivo e outros; bem como características morfológicas e funcionais inerente a esses espaços: estrutura interna e externa; partes que os compõem (quarto; sala de estar; cozinha etc.) móveis e objetos relacionados diretamente a esses espaços (cama; sofá; mesa; fogão; talheres; etc.) todos esses itens têm suas funções que lhe são atribuídas habitualmente e a criança pode identificar, paulatinamente, as atividades que se realizam em cada um desses espaços (brincar; comprar; trabalhar; passear; dormir; permitir que a criança interaja com esse meio fará com que ela se desenvolva). Segundo Wallon *apud* Guzzo (2002);

O desenvolvimento das funções depende tanto de condições de maturação como de exercícios capazes de desenvolvê-la; portanto condições do meio. No estágio sensório motor; a criança realiza um extenso e diferenciado acordo entre as percepções e movimentos. (GUZZO, 2002. p.2)

Sendo assim, o desenvolvimento de identidade e autonomia das crianças não ocorrerá se não forem estimuladas. Essas atividades poderão fazer parte de atividades pedagógicas de forma lúdica como o faz de conta; assim, a criança poderá recriar seu mundo real de forma criativa e informal como se faz em qualquer ambiente familiar.

Neste sentido, o projeto presente se faz necessário por contribuir no processo de desenvolvimento de autonomia da criança, autoestima e identidade.

2 OBJETIVO GERAL

Compreender a importância do reconhecimento da identidade para o desenvolvimento da autonomia e tomada de decisões.

3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Favorecer o processo de identificação pessoal;
- Elencar seus principais gostos e interesses;
- Proporcionar momentos agradáveis e alegres;
- Propiciar o senso de pertencimento a um ambiente familiar.

4 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

O projeto deverá ser – preferencialmente – aplicado num local aberto. Num primeiro momento o pedagogo deverá realizar perguntas sobre quais brincadeiras que as crianças se sentem melhor brincando e o porquê de escolherem essas brincadeiras. A partir dessas informações o pedagogo deverá formar uma tabela de brincadeiras, colocando uma brincadeira para cada dia da semana, o que direcionará as atividades da semana.

Após a familiarização por meio das brincadeiras da preferência das crianças, o pedagogo deverá organizar uma sala de aula com variados tipos de lençóis, barbantes e almofadas de diversos tamanhos. Será proposto que cada grupo monte sua “casa” pensando que tipo de casa eu queria.

Após a montagem, o pedagogo deverá fazer algumas indagações:

1. Foi difícil montar a casa?
2. Todos concordaram em fazer da mesma forma? Se não, entraram num consenso?
3. O que acham importante para se ter numa casa?

A partir destes questionamentos, conduzir o processo para que as crianças compreendam que juntas forma um lar e que este ambiente é um lugar de troca de amor, carinho, companheirismo e cumplicidade.

5 RECURSOS UTILIZADOS

Barbante; Vários lençóis; Almofadas e travesseiros de diversos tamanhos; Folhas de papel sulfite; Canetinha e lápis de cor variados.

6 AVALIAÇÃO

A avaliação deverá ser realizada durante as atividades e de acordo com a reação das crianças no momento do desenvolvimento das tarefas.

7 REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra.

GUZZO Augusto. **Henri Wallon: Psicologia e educação**. Revista Acadêmica, nº 5, 2002. Disponível em: http://www.fics.edu.br/index.php/augusto_guzzo/index.

LIBÂNEO, J. C., **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez. 2010.

MOYLES, J. R. et al. **A excelência do brincar**. Porto Alegre: Artmed, 2006.